



HISTÓRIA E MEMÓRIA DO IAM - INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA A MENORES DE RIO VERDE GO - ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL TIA SANTINHA

Nívea Oliveira Couto de Jesus
Mestranda em Educação
PUC - Goiás

Maria Zeneide Carneiro Magalhães Almeida
Doutora em História
Professora da PUC – GO

Sebastiana Aparecida Moreira
Doutoranda em Educação
PUC - GO

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo promover e divulgar a necessidade de uma maior atenção à história das instituições escolares, da busca de registros documentais referentes à reconstituição da memória das instituições educativas bem como proporcionar à comunidade escolar uma leitura de história local a partir de suas vivências e experiências enquanto atores sociais inseridos no contexto da comunidade escolar à qual pertencem. Nesse tocante, esta pesquisa busca contribuir para que as lembranças do Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde, em especial da Escola de Educação Infantil Tia Santinha continuem vivas, estimulando e reativando o diálogo do presente com o passado, recorrendo à ressignificação da memória individual e coletiva, no período compreendido entre 1956 e 2014. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, foram os referenciais da História e das fontes orais, por meio de entrevistas com diferentes sujeitos que participaram da construção do Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde GO, bem como análise dos referenciais bibliográficos; de documentos da imprensa local e regional (jornais, revistas, folhetos); documentos de arquivos pessoais (fotos, cartas, diplomas). Como resultado, pretende-se destacar ações praticadas pelos fundadores, que impactaram na vida dos antigos internos e contribuirá para desvelar parte da história da Escola de Educação Infantil Tia Santinha e do Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde através de um trabalho científico, com o compromisso de promover o cultivo da memória local/regional e o fortalecimento dos laços de pertencimento e de identidade social-coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. História. IAM. Memória.

INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre as instituições escolares é muito importante para a compreensão político-histórica-social, não só regional, mas nacional. Destacamos o estudo realizado sobre o Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde-GO, abordando um de seus segmentos, a Escola de Educação Infantil Tia Santinha.



O Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde (IAM) foi fundado em 04 de janeiro de 1956, através da liderança de Paulo Campos¹ que na época visitou instituições semelhantes no Estado de Minas Gerais e São Paulo, buscando referências e informações que lhe dessem subsídios para a execução da obra. O IAM foi criado com a finalidade de prestação de assistência social a menores órfãos, através de internamento e instrução intelectual, aprendizado profissional, encaminhamento a cursos superiores, educação espiritual e orientação geral para a vida civil. Foi declarado de utilidade pública pelo Decreto Federal nº 72.220 de 11 de Maio de 1973, publicado no DOU de 14-05-1973, registrado no Conselho Nacional de Serviço Social do Ministério da Educação e Cultura (proc. 43.320/67) bem como no Conselho Nacional de Serviço Social (proc. 249.395/74) e no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente desde 21 de Fevereiro de 1992.

O Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde¹⁹⁶¹, iniciou suas atividades em 1961, sendo que até 1999 possuía um funcionamento particular de acolhimento a menores oriundos de famílias pobres desamparadas e vitimadas por fatores como migração, desemprego e ausência de trabalho, atendendo através do sistema de abrigo, duzentos e quatorze crianças. A partir de 1999, com a elaboração do Plano de Reordenamento Institucional², o IAM buscou novas estratégias de atendimento, que otimizasse a utilização das instalações físicas com atividades para criança e adolescentes.

Na época da fundação da Instituição, Cunha Neto(1988), afirma que a cidade de Rio Verde, que é distante 220 quilômetros da capital do estado, possuía uma população de 25.329 habitantes que prevalecia a população rural com 74 por cento e a economia do município, basicamente era a pecuária extensiva e agricultura de subsistência.

¹ Paulo Campos foi eleito prefeito de Rio Verde pelo PSD, mandato 1961/1965. Em 1966, consagrou-se Deputado Federal pelo MDB. Participou dos movimentos para criação dos cursos de ensino superior em Rio Verde que culminou com a Fundação de Ensino Superior de Rio Verde (UNIRV), integrando o Conselho de Curadores no período de 1989 a 1992. Faleceu em 26 de janeiro de 1999.

² (Lei Federal 8069/90) O Acolhimento Institucional estabelecido pelo E.C.A. tem por objetivo executar medida de proteção de acolhimento, garantindo direitos fundamentais a crianças e adolescentes, priorizando investimento na revinculação familiar e transitoriedade da medida, segundo os preceitos do Estatuto da Criança e Adolescente.



Para o desenvolvimento da pesquisa torna-se indispensável recorrer a memória como fonte histórica, pois em conformidade com as ideias de Halbwachs (2004), a memória histórica é compreendida como a sucessão de acontecimentos marcantes na história de um país. A memória é a matéria prima do historiador. É uma construção psíquica e intelectual que acarreta uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. A história vivida de um lugar, de uma pessoa, um momento, um objeto arquitetônico, etc. pode transformar-se em um fundamento para o conhecimento do próprio cotidiano, onde a memória torna-se essencial para a ciência da mesma, podendo também por decorrência de ações ou simplesmente por acaso, essa história ser dissolvida na lembrança, esquecida.

Halbwachs (2004), assegura que a memória pode apresentar-se de forma documentada ou ainda adquirida através da oralidade, por meio de depoimentos, testemunhos, contos, entre outras modalidades. A transmissão oral da memória foi algo muito praticado até uma época relativamente recente. Ainda hoje há culturas indígenas, por exemplo, que transmitem suas tradições, credences e ensinamentos através da oralidade. A memória, tanto individual como coletiva, constitui um objeto de manipulação. Isso acontece com bastante frequência considerando que todos manipulam suas memórias, mesmo que não intencionalmente.

Pelo mesmo viés, a memória o instrumento do historiador, este resgata o passado tendo como função mediar as manipulações da história ao mesmo tempo em que possa discernir sobre o que de fato aconteceu e a subjetividade do indivíduo, documento ou qualquer outro meio que lhe sirva como fonte. O historiador tem um compromisso com a verdade histórica ao mesmo tempo em que reflete sobre sua própria realidade e temporalidade. Sobre o trabalho do historiador, Halbwachs (2004) afirma que ele deve partir da busca dos detalhes que se somará a conjuntos que resultará, por sua vez, em uma soma de conjuntos onde nenhum fato é menos importante que outro. Desta forma, geraria a visão mais imparcial possível do todo. O historiador procura dar um significado às ações humanas e convertê-las em uma experiência exclusiva que possa delinear um novo futuro através do prestígio do presente.



Em perspectiva semelhante à de Halbwachs, Pierre Nora (1993) afirma que existem tantas memórias quanto grupos, uma vez que cada grupo possui sua própria memória coletiva alimentada e divulgada por aqueles que fazem parte dele. O historiador procurou estabelecer um levantamento sobre lugares de memória, uma vez eles são esses lugares os responsáveis pela ligação entre os grupos. Segundo Nora (1993, p.13)

Os lugares de memória (museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processo verbais, monumentos, santuários, associações) nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais.

Halbwachs (2004), afirma que a memória individual se, é que ela existe, é construída necessariamente a partir e no interior de um grupo; portanto, de uma memória coletiva e de uma memória histórica. A memória histórica é entendida como o passado vivido, constituído pela sucessão de acontecimentos/momentos marcantes na vida do grupo, da nação, do país, e que possibilita a construção de uma narrativa sobre o passado.

De forma análoga, as escolas também são celeiros de memórias, espaços nos quais se tece parte da memória social. As reminiscências desse espaço são possíveis pela estrutura das suas rotinas e sua continuidade no tempo. A importância dessa instituição, mesmo quando apontamos a sua crise na construção das subjetividades do mundo contemporâneo, reside no fato de representar, durante a infância e a adolescência, para além da sua finalidade específica, um território de lenta aprendizagem do mundo exterior. Para a memória a escola é vida, caminho intimamente possuído que a história transporta numa tentativa de reconstrução sempre problemática, sempre incompleta. Por esse prisma, a história da educação começa onde a memória da escola termina. Medida pelas relações sociais que a constituem e pelas interpretações que daí emergem, as memórias são narrativas produtoras de significados que promovem a fusão interior da intenção com as palavras.

O INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA A MENORES DE RIO VERDE COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

O conceito de patrimônio vem sofrendo reformulações desde as suas concepções de origem, assim como a formulação dos princípios de restauração e conservação. Em outras épocas,



a palavra patrimônio representava apenas as propriedades transmitidas hereditariamente. Com o acréscimo do termo histórico, a expressão e o tratamento do patrimônio adquiriram outras conotações que foram se modificando ao longo do tempo.

A reflexão acerca de aspectos relativos ao saber fazer das diversas culturas, bem como sobre os demais elementos materiais que compõem nosso cotidiano, leva, conseqüentemente, a um trabalho de conscientização do espaço urbano ao qual se pertence. Em tal perspectiva, contribuir para que as lembranças do Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde continuem vivas, estimulando e reativando o diálogo do presente com o passado, por meio da memória individual e coletiva, envolve a reflexão acerca das especificidades, contradições e transformações que configuraram e que continuam marcando o espaço atual. O IAM foi e continua sendo um patrimônio histórico e cultural para toda a sociedade rio-verdense, fato que permite deduzir sua influência nas vidas de tantas pessoas que por ali passaram e ainda passam através das diversas frentes de trabalho realizadas por esta instituição, no campo educacional, social e profissional.

As linguagens da cidade têm um caráter pedagógico: porque a materialidade e a subjetividade da cidade expressam as relações e os valores sociais, políticos, racistas, de classe, de exclusão ou inclusão, que estão presentes na sociedade. Então, esses símbolos, esse patrimônio, representam a experiência cotidiana do cidadão e, ao mesmo tempo, educam o olhar e a percepção do outro, o que é fundamental para a construção da identidade. (ARROYO, 2005, p. 34).

O processo de se conhecer o patrimônio envolve a participação dos sentidos e, principalmente, a manifestação de um sentimento de reconhecimento diante do bem cultural, seja ele material ou imaterial, pois cada sociedade em cada tempo histórico escolheu o que guardar e como guardar, ao mesmo tempo em que os elementos selecionados foram direcionadores das suas formas de perceber o mundo. Sob essa óptica, faz-se necessário compreender as articulações que as pessoas em seu cotidiano fazem do patrimônio histórico, ao mesmo tempo em que também constituem seus próprios patrimônios e lugares de memórias. Portanto não se tem que conscientizar ou ensinar o que é patrimônio, mas refletir o que também é patrimônio e como este liga os indivíduos a uma coletividade.



Em tal perspectiva, precisamos ficar atentos sobre o uso dos patrimônios históricos, no sentido que se deve sempre manter ativa a forma como era originalmente, para não se perder a aura da história, pois essa senzala não se constitui como da forma original e nem faz referência a memória. Deve-se sempre pensar a quem pertence esse passado, para que seja conservada a sua memória, mantendo suas características originais da história. Além do mais a memória é um dos alicerces que dá sentido à vida. Com uma instituição não é diferente. Preservar a memória do Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde, bem como da Escola Tia Santinha é manter a instituição viva e uma forma de fortalecer suas bases. Para que essa memória seja preservada, é preciso conservar fotos, documentos, objetos e organizar os registros dos fatos.

CONTEXTO POLÍTICO NA DÉCADA DE CRIAÇÃO DA ESCOLA TIA SANTINHA

De acordo com DIAS (1990), a década de 1960 em Goiás inicia com um processo de transição acentuada de um modelo econômico com bases agrárias para uma perspectiva com molde capitalista urbano, influenciado principalmente pela construção de Brasília e o processo de intensificação da industrialização no final da década de 1950, desencadeando em um ritmo acelerado da concentração urbana e conseqüentemente êxodo rural dado pelo processo de monopolização da propriedade fundiária.

As reformas educacionais significativas só aconteceram depois que a crise do sistema atingiu sua fase aguda, após 1968. O marco principal da reforma da educação brasileira, no que se refere ao ensino fundamental e médio, neste período analisado, é a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixou diretrizes e bases para estes níveis de ensino. Constituiu-se um dos mais significativos momentos da reforma do ensino de 1º e 2º graus, e ocorreu no auge do “milagre econômico” e do Governo Médici, em 1971. Romanelli (1996) comenta que essa Lei teve o propósito de possibilitar um tipo determinado de formação, com o objetivo de que essa formação pudesse concorrer para a auto realização do educando, para sua qualificação visando o exercício de uma atividade profissional e para sua atuação consciente no meio social e político em que vive. O Brasil tem uma trajetória de dificuldades no campo educacional, e ainda hoje enfrenta vários problemas que vêm sendo combatidos ao longo dos anos. Embora sejam garantidos por

legislação, nem todos os benefícios sociais, políticos, financeiros, educacionais, culturais, dentre outros, são usufruídos pela população, independentemente da classe social.

Na década de 60 e 70 os habitantes de Rio Verde-GO foram influenciados pelas mudanças trazidas pelos ideários do Estado Novo - que IAMAMOTO (2008, p.239) chama de “*paz social do Estado*” - e a sociedade responde a esse chamado de certa forma programado pelo Estado que “lança uma campanha propagandística que busca ganhar a população para o ‘esforço de guerra’, ao mesmo tempo em que procura mostrar que esse ‘esforço’ é de toda sociedade” (IAMAMOTO. 2008. p. 245). Segundo Cunha Neto (1988) as famílias usavam o rádio como meio de informação para acompanhar o que estava acontecendo nas transformações políticas. Neste contexto, surge a Escola de Educação Infantil Tia Santinha.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL TIA SANTINHA – UM BREVE HISTÓRICO

A escola iniciou suas atividades no ano de 1963. Desde sua fundação até o ano de 2001 trabalhou somente com uma sala de aula. O objetivo inicial era atender as crianças carentes ou abandonadas que era abrigada no Instituto de Assistência a Menores, bem como crianças de famílias de baixa renda que residiam nas imediações. Durante a primeira fase de funcionamento da escola (1963 a 2001) a direção ficou a cargo de Amanda Campos³, que também era responsável pelo abrigo. A escola funcionava com uma professora, cedida pelo Município ou Estado, era mantida pelo IAM.

Segundo relatos, a escola possui esse nome porque foi uma homenagem que o Senhor Paulo Campos fundador da mesma prestou a sua irmã. A escola foi fundada em 1963 com o nome: Escola Primária Tia Santinha, mas foi no dia 30 de novembro de 1970 que saiu o seu registro legal e esta passou a se chamar desde então Escola de Educação Infantil Tia Santinha



³ Al

Campos, sendo a responsável pe

AN

Goi



anos.

2238-7609

(306-820) | 1052



Paulo Campos – Fundador do IAM
(Fotografia contida nos arquivos
do IAM)

Dalvanira Campos Cruvinel
“Tia Santinha”(Fotografia
contida nos arquivos do IAM)

Dalvanira Campos Cruvinel, filha de Ricardo Campos e Placedina Arantes Campos. Natural de Rio Verde, nascida em 13/09/1915, era gêmea com Dalva Campos que faleceu aos 5 anos de idade vítima de gripe. Dalvanira recebeu o apelido de Santinha ainda na infância devido ao seu temperamento calmo e tranquilo. Casou-se com Oliveira Cruvinel e foi mãe de dois filhos: Ivone Campos Cruvinel Bernardes – contadora e Ricardo Campos Cruvinel – médico oftalmologista. Dalvanira, a Tia Santinha cursou o magistério na cidade de Campinas –GO, hoje bairro de Goiânia, capital do estado, exerceu a função de professora no Colégio Martins Borges em Rio Verde- GO do qual também foi diretora. Faleceu em novembro de 1962, deixando um legado de trabalhos assistenciais.



ISSN 2238-7609



Imagem cedida pelo Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde-GO.

Com base na trajetória de vida, esforço e trabalho da senhora Dalvanira a escola teve por missão trabalhar com a criança, adolescente e as famílias para ampliar as condições de acesso à educação e a melhoria do relacionamento de criação de ações que contribui para a formação do homem de um belo nome, com muito significado. Por traz da tendência uma história de uma pessoa que acreditava que o homem é um ser completo físico, mental e espiritual. Nesse tripé, é que fundamentou a escola da sua fundação até os dias atuais.



A senhora Dalvanira (Tia Santinha) e equipe em obras assistenciais nas dependências do IAM no ano de 1962.

Abaixo pode-se observar na figura1 a senhora Dalvanira na primeira fila a direita. Foto com seus colegas de profissão no Colégio Estadual Eugenio Jardim. Na figura 2, podemos observar seu registro para lecionar.

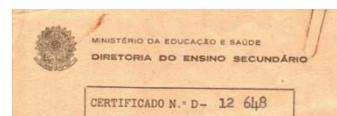
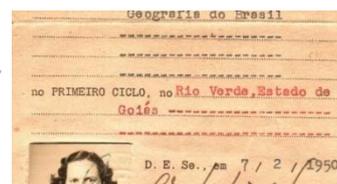


Imagem cedida pelo Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde-GO

Imagem cedida pelo Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde-GO

Goiás,



06-820) | 1052



Fig. 1 Professora de geografia no Colégio Estadual Eugenio Jardim. (Fotografia contida nos arquivos do IAM)

Fig. 2 Autorização para exercer a função de professora. (Imagem cedida pelo Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde-GO)

A Escola de Educação Infantil Tia Santinha foi construída em um lote usado pela prefeitura em 01 de janeiro de 1956 para a construção do Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde (IAM), que contou com a colaboração pessoal de Juscelino Kubitschek (JK) que na época era senador. Com o passar do tempo o IAM necessitou de uma escola de educação infantil para atender as crianças que ali eram internas, então a instituição passou a ser entidade mantenedora da Escola Tia Santinha que está situada na Rua Nizo Jaime de Gusmão, n. 760 Vila Amália, Rio Verde – GO, hoje Educandário Espírita Paulo Campos.

A cronologia permite datar os momentos em que ocorrem determinados acontecimentos. Trata-se de uma linha de tempo onde se pode representar graficamente os momentos históricos em pontos e os processos em segmentos. Vejamos como se organizou a escola desde sua fundação até o momento.

Linha do tempo			
Ano/período	Unidade escolar	Responsável	Nº de alunos
1963 a 1970	Escola Primária Instituto de Assistência a Menores	Amanda Campos	39
30/11/1970	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	77
1971	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	44
1972	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	39
1973	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	49
1974	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	43
1975	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	36
1976	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	36



1977	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	29
1978	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	26
1979	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	25
1980	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	28
1981	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	30
1982	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	24
1983	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	21
1984	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	Não consta registros
1985	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	24
1986 a 2000	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	Não consta registros
2001	Escola Tia Santinha – Pré escola	Amanda Campos	Não consta registros
2002	Escola Tia Santinha – Nível II e Pré escola	Simone Souza Marques	92
2003	Escola Tia Santinha – Jardim I, Jardim II e Pré escola	Rosimeire Lopes Souza Siqueira	148
2004	Escola Tia Santinha – Jardim I à Etapa I	Rosimeire Lopes Souza Siqueira	192
2005	Escola Tia Santinha – Jardim I à Etapa II	Rosimeire Lopes Souza Siqueira	277
2006	Escola Tia Santinha – Jardim II à Etapa II	Paula Martha Pimenta Gomes	204
2007	Escola Tia Santinha – Jardim II ao 3º ano	Paula Martha Pimenta Gomes	208
2008	Escola Tia Santinha – Infantil I e II, 1º, 2º e 3º anos	Paula Martha Pimenta Gomes	117
2009	Escola Tia Santinha – Infantil I e II, 1º, 2º e 3º anos	Paula Martha Pimenta Gomes	121
2010	Escola Tia Santinha – Infantil I e II, 1º, 2º e 3º anos	Paula Martha Pimenta Gomes	184
2011	Escola Tia Santinha – Infantil I e II, 1º, 2º e 3º anos	Rosimeire Lopes Souza Siqueira	152
2012	Escola Tia Santinha – Infantil I e II	Rosimeire Lopes Souza Siqueira	124
2013	Escola Tia Santinha – Infantil I e II	Rosimeire Lopes Souza Siqueira	151
2014	Escola Tia Santinha – Infantil I e II	Rosimeire Lopes Souza Siqueira	211

Tabela organizada pelas autoras.

A Escola de Educação Infantil Tia Santinha além de ter o IAM como entidade mantenedora, é confessional (doutrina Espírita), filantrópica e conveniada com o município. A escola atende as crianças de toda a cidade, sendo estas de classe média e classe baixa.



IAM-Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde-GO na década de 60.
 (Imagem cedida pelo Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde-GO)

O bairro onde a escola esteve localizada até o ano de 2012 possui um misto de casas antigas com alguns edifícios. As ruas são asfaltadas e com rede de esgoto, o comércio nas proximidades é abundante, além de estar próximo do Estádio Mozart Veloso do Carmo, local onde proporciona lazer a comunidade.

A Escola de Educação Infantil Tia Santinha dispõe de ótimo espaço físico, sendo seu edifício uma construção de alvenaria antiga, porém apesar de não possuir um edifício moderno está bem conservado. A escola também dispõe em seu espaço uma quadra coberta, um parquinho com escorregador, balanço, gangorra e grades para crianças escalarem, tudo em boas condições de uso; além de uma excelente área verde.

A sede da escola funcionou nas dependências do IAM – Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde, no prédio que funcionava como abrigo e fora adaptado e transformado em escola, até o ano de 2012, sendo criado desde 2002 uma extensão da escola no bairro Santa Cruz II. Atendendo a exigências burocráticas para a aquisição de convênio com a prefeitura municipal, a Escola Tia Santinha ficou definitivamente no bairro Santa Cruz II no município de Rio Verde.



Em 1970, nas dependências do IAM, foi implantada a Escola Primária “Tia Santinha”, nome registrado pelo diretor da entidade Wolney da Costa Martins, em sua homenagem.



Atual sede da Escola de Educação infantil Tia Santinha no bairro da Santa Cruz II. (Imagem cedida pelo Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde-GO)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde, bem como a Escola de Educação infantil Tia Santinha é um patrimônio histórico e cultural da sociedade rio-verdense. Nessa perspectiva, o estudo analisa as memórias dos atores sociais inseridos no contexto as acerca de suas experiências vividas na instituição.



A memória é entendida como uma construção social que depende do relacionamento, posição, papéis sociais do sujeito com o mundo da vida. A memória é coletiva, e nessa memória o indivíduo tem uma posição individual dos fatos vividos, mas, ela se dá pela interação entre os membros da comunidade e as experiências vivenciadas entre eles. (HALBWACHS, 2004)

A história em seu processo de constituição recorre à memória, e é preciso recorrer à abstração para apreender essas relações que se instituem entre história e memória. A memória é sempre referente a um grupo, e a história, por seu turno, estabelece-se a partir de um quadro histórico.

“O motivo pelo qual toda vida humana constitui uma história e pelo qual a História vem a ser, posteriormente, o livro de histórias da humanidade, com muitos atores e narradores, mas sem autores tangíveis, é que ambas resultam da ação (...) ninguém é autor ou criador da história de sua própria vida (...). Alguém a iniciou e dela é o sujeito, na dupla acepção da palavra, mas ninguém é seu autor. (Hannah Arendt: A Condição Humana, 1995).

Trata-se de pensar a história como momento privilegiado com dimensões estruturais, onde o ser humano ocupa seu espaço de ação que se renova permanentemente com base em inícios e retomadas que asseguram as condições de vida.

A História possui uma história e olhar para ela é considerar a vida, os conceitos, as teorias, os comportamentos, como uma construção, fruto de diversos conflitos, tensões e interesses. Vasculhar o cotidiano com as lentes da História Cultural é percorrer caminhos tortuosos, por vezes desafiadores, desconstruir cristalizações e, fundamentalmente, criticar cada fala, objeto, documento ou fotografia, explorando-os como testemunho histórico (NASCIMENTO, 2003, p. 68), em diálogo com os contextos nos quais estão inseridos.

A história da educação em Goiás ainda carece do aprofundamento de estudos que tenham por objetivo deslindar o processo constitutivo do campo da educação neste estado, delimitar o papel desempenhado por cada ator social, desvelar o papel do Estado e dos grupos sociais na construção de uma memória histórica da educação em Goiás.

REFERÊNCIAS



ARENDDT, Hannah. A condição humana. Tradução Roberto Raposo; posfácio Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ARROYO, Michele Abreu. Educação Patrimonial ou a cidade como espaço educativo? In: Revista Outro Olhar – revista de Debates. Ano IV, n. 4, BH, out. 2005.

CUNHA NETO, Oscar. Rio Verde – apontamentos para sua história. 1988. Goiânia: Gráfica O Popular. 352 p.

DIAS, Renato & DIAS, Ricardo. Desafiando a utopia. Goiânia-GO: Ed. UCG, 1990.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

IAM – Instituto de Assistência a Menores. Ata da reunião realizada no dia 04 jan.1956. Livro 1, p 2v a 4.

IAMAMOTO, Marilda Villela e CARVALHO, Raul de. Relações sociais e serviço social no Brasil – esboço de interpretação histórico-metodológica. 2008. São Paulo: Cortez.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs.) Instituições Escolares no Brasil: Conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, 1993.

RICOEUR, Paul. O olhar exterior: Maurice Halbwachs. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da educação no Brasil (1930- 1973). 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.